

## Ensino e a aprendizagem de deficientes visuais no Brasil: pessoas e instituições que marcaram a história

---

**Mariana Lemes Teixeira**

*Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina.*

**Andréa Haddad Barbosa**

*Formada em Pedagogia. Doutora em Educação. Professora no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina*

DOI: 10.47573/aya.88580.2.54.5

## RESUMO

Este texto, de natureza bibliográfica, teve como objetivo historicizar e contextualizar alguns dos aspectos relacionados ao ensino e a aprendizagem de deficientes visuais, dando ênfase a contribuições de algumas personalidades e instituições que marcaram a história. O movimento de inserção e de inclusão do deficiente visual na sociedade foi marcado por um histórico de discriminação e um processo de conquistas, hoje consolidadas, mas resultados de um trabalho longo, obstinado, comprometido e desafiador de pessoas que, por vivenciarem essa situação em suas vidas ou por se sensibilizarem pela condição das pessoas com acometimentos visuais graves, foram inovadoras. A sociedade em geral foi aos poucos tomando consciência dos princípios de inclusão e de sua importância, com isso foi possível despertar a compreensão de olhar o próximo com humanidade, saber que são pessoas capazes de aprender, desenvolver-se e exercer a cidadania plena. A cada dia mais estamos percebendo a inserção dos deficientes visuais em todas as etapas de escolaridade. O conhecimento histórico, que envolve conhecer as bases que influenciaram o ensino institucionalizado de pessoas com deficiência visual, é de grande importância a todos os profissionais de educação.

**Palavras-chave:** deficiência visual. ensino e aprendizagem. história.

## ABSTRACT

This text, bibliographical in nature, aimed to historicize and contextualize some of the aspects related to teaching and learning for the visually impaired, emphasizing the contributions of some personalities and institutions that marked history. The movement of insertion and inclusion of the visually impaired in society was marked by a history of discrimination and a process of achievements, now consolidated, but the result of a long, obstinate, committed and challenging work of people who, by experiencing this situation in their lives or for being sensitive to the condition of people with severe visual impairment, were innovative. Society in general gradually became aware of the principles of inclusion and its importance, with this it was possible to awaken the understanding of looking at others with humanity, knowing that they are people capable of learning, developing and exercising full citizenship. We are increasingly realizing the inclusion of visually impaired people in all stages of schooling. Historical knowledge, which involves knowing the bases that influenced the institutionalized teaching of people with visual impairments, is of great importance to all education professionals.

**Keywords:** visual impairment. teaching and learning. history.

## INTRODUÇÃO

O ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência visual em instituições especializadas é algo relativamente novo no Brasil. Fomos fortemente influenciados pelas primeiras iniciativas de instituições originadas na Europa no século XVIII. Em acréscimo a isso, o Sistema Braille de Leitura e Escrita conhecido mundialmente e amplamente utilizado por pessoas com deficiência visual também teve origem no contexto europeu.

A deficiência visual envolve tanto a condição de cegueira quanto a baixa visão (visão subnormal). A diferença entre elas está relacionada a acuidade visual, ou seja, é a capacidade

e a qualidade funcional da visão. De forma simplificada, é o quanto o indivíduo é capaz de enxergar e de distinguir os detalhes espaciais que envolvem a forma, o contorno, a distância etc. Existem testes e parâmetros que identificam a acuidade visual dos indivíduos e são realizados por médicos especializados.

A origem da deficiência visual tem duas naturezas básicas, a congênita e a adquirida. No entanto, as suas causas são muito diversas e associadas a um espectro muito grande de patologias ou acidentes, que envolvem ou comprometem o sistema ocular, a sua estrutura e o seu funcionamento. Essa diversidade torna o processo de ensino e de aprendizagem bastante complexo. Cada indivíduo é único em sua condição e, muitas vezes, isso implica em ações pedagógicas, no uso de materiais e em recursos muito específicos, tornando o ensino e aprendizagem bastante especializado.

Ao longo da história da humanidade temos registros de que os deficientes visuais foram marginalizados e excluídos da sociedade. Em face a essa triste realidade, a fundação das primeiras instituições voltadas para o ensino e aprendizagem de pessoas nessa condição, é um marco extremamente importante, que desencadeou, paulatinamente, uma mudança cultural e possibilitou a integração desses sujeitos na sociedade.

Esse movimento desencadeou o interesse de diferentes pessoas não apenas no sentido de fundar outras instituições especializadas em vários países, mas o estudo, a pesquisa e a criação de leis e de outras políticas públicas que vieram a garantir a inclusão dessas pessoas e o exercício de sua cidadania. Ainda há muito a ser feito, mas os primeiros passos foram dados por pessoas comprometidas e sensibilizadas a essa condição de marginalidade que acometia os indivíduos com problemas visuais mais severos. É sobre isso que trataremos a seguir.

## O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE DEFICIENTES VISUAIS: A INFLUÊNCIA EUROPEIA

Há que se mencionar que durante muitos anos na história da humanidade as práticas de exclusão de pessoas com qualquer tipo de deficiência eram, geralmente, muito frequentes e comuns, acreditava-se que o afastamento social era a medida mais coerente a ser seguida, principalmente se tratando de pessoas cegas, estas que muitas vezes eram castigadas ou amaldiçoadas por seus supostos “pecados”.

Embora a exclusão tenha sido uma prática comum, é importante mencionar o estudo de Costa, Picharillo e Paulino (2018) ao ressaltarem que algumas civilizações orientais já possuíam, desde a antiguidade, programas educativos e formativos para indivíduos cegos. Os autores enfatizam que a inclusão das pessoas cegas nas sociedades é variável ao longo da história e das civilizações e, que isso depende das crenças, dos valores e do contexto histórico e cultural de cada sociedade.

Embora os serviços de acolhimento a pessoas cegas tenham sido registrados historicamente em algumas culturas orientais (COSTA; PICHARILLO; PAULINO, 2018). Existem alguns acontecimentos, posterior a essas iniciativas, que ganharam maior visibilidade. Há um episódio na Idade Média, na época das Cruzadas, em que “300 soldados franceses tiveram seus olhos arrancados pelos muçulmanos” (GASPARETTO, 2015, p. 16). Nesse mesmo período, especifi-

camente na década de 1260, foi fundado em Paris o Asilo Quinze –Vingts, que atendeu a esses soldados que perderam a visão e também a outras pessoas cegas francesas que viviam nas ruas da cidade (COSTA, PICHARILLHO, PAULINO, 2018).

A ação do asilo de Quinze Vingts, embora tenha sido de grande importância e de caráter humanizador, considerando o contexto da época, teve uma função assistencialista, auxiliando e acolhendo pessoas cegas. Essas medidas foram e ainda são importantes uma vez que suprem as pessoas das necessidades básicas mais elementares, mas não possibilita ao indivíduo as condições de convívio pleno na sociedade.

Com o fortalecimento do Cristianismo, a pessoa com deficiência visual passa a ser vista por outras perspectivas, uma delas é a crença de que foi destinada por Deus a nascer assim, essa atribuição lhe era feita para esclarecer o motivo de não possuir o sentido da visão. O ser humano começa a ser visto como algo de grande valor e todos passam a ser reconhecidos como criação de Deus (COSTA, PICHARILLHO, PAULINO, 2018; GASPARETTO, 2015).

Apesar dessa mudança de entendimento promovida pelo Cristianismo, que fez com que parte das sociedades manifestassem sentimentos de proteção e acolhimento pelas pessoas cegas, a desvalorização e o tratamento desigual ainda permaneceu. E, em alguma medida, ainda permanece no sentido de que até o momento presente há preconceitos e não há a totalidade de pessoas cegas recebendo uma educação adequada, de qualidade e se realizando profissionalmente.

As mudanças ocorrem em seu próprio tempo e dentro de um processo, que muitas vezes é longo. Os cidadãos foram se informando e adquirindo conhecimentos acerca da anatomia humana e de suas complexidades, desse modo, foi possível avançar no aspecto educacional, voltado para a necessidade de atender integralmente pessoas visualmente limitadas.

Como parte desse percurso, foram gradativamente sendo fundados institutos especializados em alguns países. Vale destacar a contribuição importante da primeira escola para cegos no mundo, o Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris no ano de 1784, na capital da França, que teve como expoente Valentin Haüy, inicialmente conhecido como professor de caligrafia, tinha vasto conhecimento na área das letras, dominava os idiomas: hebraico, latim e grego, foi intérprete, professor de caligrafia e também paleontólogo (NOGUEIRA, 2005).

Valentin Haüy dedicou parte de sua vida ao trabalho com pessoas cegas, trazendo visibilidade e reconhecimento histórico para sua trajetória, que ficou reconhecida como um dos primeiros registros na humanidade a despertar interesse pela vida desse grupo de indivíduos excluídos da sociedade. Embora esse legado histórico de Valentin Haüy seja de grande importância e de reconhecimento mundial, é importante voltar a citar o estudo de Costa, Picharillo e Paulino (2018) que mencionaram iniciativas educacionais importantes em prol dos deficientes visuais em sociedades orientais em períodos históricos anteriores. Talvez, por terem escassos registros, acabam por não ganhar muita visibilidade.

Conforme relata Nogueira (2005), o interesse de Valentin Haüy com o ensino e aprendizagem de pessoas cegas começou quando ele estava na praça Luiz XV, em Paris, e notou que algumas pessoas cegas tocavam instrumentos musicais desafinados em busca de ganhar alguma gorjeta e foram tratadas com desrespeito e deboche. Isso lhe causou imensa indignação, então, passou a reivindicar e a conscientizar a sociedade em benefício desses que eram visual-

mente limitados.

Nas palavras escritas por Valentin Haüy;

[...] farei que os cegos leiam, colocarei em suas mãos livros impressos por eles mesmos e traçaráo os caracteres usuais e lerão a sua própria escritura. (MARTÍNEZ, 2000 *apud* LEAL, 2013, p. 62)

Nogueira (2005) afirma que Valentin Haüy fundou o Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, a primeira escola para cegos no mundo, que, inicialmente, adotou um sistema de escrita compreendido por meio do tato, porém, lamentavelmente Haüy foi afastado de seu Instituto, que se tornou posse Estadual e teve o nome alterado para Instituto dos Trabalhadores Cegos. Porém, durante a gestão de Valentin Haüy no instituto, ele teve a oportunidade de conviver com um célebre aluno, que ficou mundialmente conhecido.

Louis Braille nasceu na cidade de Coupvray, localizada na França, no dia 4 de janeiro de 1809, desde bem pequeno, ele ajudava seu pai na oficina, onde infelizmente ocorreu um acidente que lhe tirou a visão. Por um descuido, feriu o olho esquerdo enquanto tentava perfurar uma parte do couro com um objeto pungente, gerando uma infecção seguida de hemorragia, e que por falta de suporte médico adequado e demais recursos de urgência, posteriormente foi afetado o outro olho, lhe causando a cegueira total, mesmo passando por profissionais oftalmologistas, não houve a recuperação das córneas devido ao avanço da infecção (ABREU *et al.*, 2008).

Apesar de perda da visão precocemente, Louis Braille sempre foi dedicado e tinha um intelecto fascinante, surpreendendo seus educadores da escola regular que frequentou como ouvinte por dois anos. Esse foi um dos motivos, que fez com ganhasse recursos financeiros para poder estudar no Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, que seguia o sistema linear implementado de Valentin Haüy, que era referência de leitura para cegos na época (ABREU *et al.*, 2008).

O instituto, nesse período, passava por dificuldades financeiras. Tal fato, contribuiu com a falta de livros e de outros materiais adequados. Soma-se a isso as limitações do método de ensino utilizado na escola que não promovia um maior domínio e autonomia da leitura e da escrita pelas pessoas com deficiência visual. Todos esses fatores e desafios, despertaram em Louis Braille uma preocupação e o interesse de criar um sistema de leitura e de escrita mais apropriado (ABREU *et al.*, 2008).

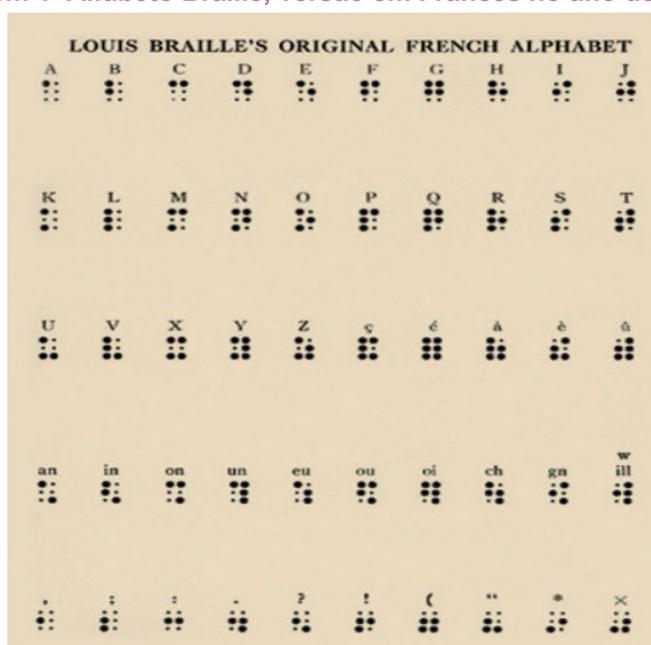
Para entender a origem do Sistema Braille de leitura e escrita, é necessário nos reportarmos ao militar Charles Barbier de la Serre, que inventou um mecanismo de comunicação noturna para a artilharia. Tal sistema, permitia aos soldados se comunicarem à noite através do tato. Não havia, nesse momento, o propósito de utilizar esse recurso para auxiliar na aprendizagem de pessoas cegas. O sistema não foi muito bem aceito entre os militares, considerado de complexo entendimento. Durante um período, Barbier fez adaptações ao seu sistema inicial e divulga no Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, o seu alfabeto com 12 pontos em relevo, distribuídos em duas colunas de 6 pontos verticais, denominado de Grafia Sonora (ABREU *et al.*, 2008, ROCHA, 1992)

Apesar da necessidade de aprimoramento, o sistema foi bem aceito no Instituto de Paris, porém não bem aceitas foram as sugestões de melhorias. Louis Braille em 1821, estava entre os alunos que conheceram o então sistema de Charles Barbier, aprendeu rapidamente utilizá-lo,

mas ao longo de sua prática, notou algumas dificuldades e teve a iniciativa de expor e apresentar aperfeiçoamentos, mas Barbier se negou a atender suas propostas (ABREU *et al.*, 2008). Entre as limitações encontradas estão: o não possibilitar o conhecimento da ortografia por parte dos deficientes visuais; o sistema era fonético, no qual os sinais representavam sons; não havia pontuação, acentos, notação musical e símbolos matemáticos; a organização em 12 pontos em relevo dificultava a rápida leitura pelo tato, além de proporcionar um número muito grande de combinações o que tornava o sistema complexo. (ROCHA, 1992)

Foi então que Louis Braille, se esforçou diariamente, até atingir o resultado que buscava. Aos 15 anos de idade, inventou o alfabeto Braille, composto de um sistema tátil de seis pontos em relevo. Ao todo são 63 combinações que representam numerais, letras alfabeto, acentuação e variados símbolos acessíveis apenas pelo tato do dedo indicador (ROCHA, 1992). O novo método Braille de leitura e escrita atingiu resultados satisfatórios entre os alunos do Instituto, que por sua vez obtiveram um feito revolucionário e facilitador no processo de aprendizagem. Este sistema de leitura e de escrita passou por um processo de transformações, mas sempre sendo adaptadas para aproximar as pessoas cegas do contexto da realidade, assim como as pessoas que enxergam.

**Imagem 1- Alfabeto Braille, versão em Francês no ano de 1824.**



**Fonte: Wikimedia Commons<sup>1</sup> (2014)**

Esse movimento, dotado de acontecimentos e personalidades marcantes, em prol de atender e de contribuir com o ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência visual, iniciado na França, foi influenciando outros contextos ao redor do mundo. No Brasil, as primeiras instituições voltadas para esse público tiveram por base os conhecimentos e vivências do Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris e a inestimável contribuição de Louis Braille.

<sup>1</sup> Imagem em Creative Commons e de Domínio Público. Disponível em: [commons.wikimedia.org/wiki/File:First\\_version\\_French\\_braille\\_code\\_c1824.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:First_version_French_braille_code_c1824.jpg)

## PERSONALIDADES MARCANTES E AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PARA DEFICIENTES VISUAIS NO BRASIL

A influência do contexto europeu chega no Brasil no século XIX. É importante ressaltar que ainda nessa época, parte das crianças com qualquer tipo de deficiência eram deixadas nas portas de igrejas e conventos, passando a serem cuidadas por religiosos que ali frequentavam. Posteriormente, essas crianças passaram a serem atendidas nas Santas Casas de Misericórdia ao redor do Brasil, mais precisamente nas cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, passando a receber os cuidados necessários, de modo a atender suas necessidades básicas até uma determinada idade (LEÃO JÚNIOR; GATTI, 2016).

Vale ressaltar que nesse período houve uma iniciativa importante, embora não tenha logrado de êxito. Em 29 de agosto de 1835 ocorreu na Assembleia Geral Legislativa, na cidade do Rio de Janeiro, a apresentação de um projeto que teve como objetivo o reconhecimento e a possibilidade de sistematização da educação para deficientes, foi defendido que cada província deveria dispor de um professor primário para atender estudantes cegos, surdos e mudos. De modo geral, havia a proposta de garantir, em alguma medida, o ensino primário como direito de todas as pessoas. Mesmo tendo como respaldo a Lei 15 de outubro de 1827<sup>2</sup>, o projeto não foi aprovado, adiando o acesso ao ensino a essas pessoas (LEÃO; SOFIATO, 2019).

Uma instituição de ensino que atendesse aos deficientes visuais demorou para ser concretizada. Destacam-se nessa trajetória duas importantes personalidades. Entre elas está José Álvares de Azevedo, que foi o primeiro professor cego no Brasil e também foi disseminador do Sistema Braille, que aprendeu no período em que estudou em Paris. O outro defensor da causa foi o doutor José Francisco Xavier Sigaud, nascido em Marselha, França, médico cirurgião no Brasil. O elo de ligação entre eles foi a filha do Dr. Sigaud, que era cega e aluna de José Alvarez de Azevedo (LEÃO; SOFIATO, 2019).

Em virtude do grande progresso da filha do Dr. Sigaud, o professor Alvarez de Azevedo foi apresentado ao Imperador para expor a sua proposta da criação de um instituto voltado para o ensino e aprendizagem de pessoas cegas, no Rio de Janeiro. Tal fato foi recebido com muito interesse e teve a sua aprovação. Entretanto, os trâmites legais para a efetivação do instituto foram muito demorados. Somente em 1854 é que foi criado, oficialmente, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, na cidade do Rio de Janeiro, por meio do Decreto n° 1.428, de 12 de setembro. Apesar de suas contribuições e perseverança para este feito, infelizmente o professor José Álvares de Azevedo veio a falecer seis meses antes da grande inauguração, em decorrência de tuberculose e um tumor que vieram a lhe comprometer severamente (LEÃO; SOFIATO, 2019).

Leão e Sofiato (2019) afirmam que para compor o corpo administrativo, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos teve a presença de José Francisco Xavier Sigaud, ocupando cargo de médico e diretor. Ele foi ativo em sua gestão até a data de seu falecimento e, conseqüente, substituição por Cádio Luis da Costa, também médico que exerceu suas funções até o ano de 1869, até que veio também a falecer. Quem passou a assumir seu cargo foi o professor Benjamin Constant Botelho de Magalhães, que já lecionava no Instituto há cerca de três anos, ministrava as disciplinas de Ciências Naturais e Matemática, também foi tesoureiro.

Essas ações em prol da inserção e da inclusão de pessoas com deficiências em contex-

<sup>2</sup> Lei que dispõe sobre a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império.

tos escolares específicos são um marco histórico de grande importância e, ao longo dos anos, essas instituições foram sendo fundadas em diferentes cidades e estados brasileiros. No quadro abaixo, apresentaremos algumas fundações voltadas para o ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência visual, após a fundação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

**Quadro 1 - Algumas instituições de ensino para deficientes visuais no Brasil<sup>3</sup>**

Ano	Cidade/Estado	Nome da Instituição
1905	Rio de Janeiro –RJ	Escola Rodrigues Alves
1925	Belo Horizonte –MG	Instituto São Rafael
1928	São Paulo - SP	Instituto dos Cegos Padre Chico <sup>4</sup>
1939	Curitiba - PR	Instituto Paranaense dos Cegos <sup>5</sup>
1941	Porto Alegre	Instituto Santa Luzia <sup>6</sup>
1942	Salvador - BA	Instituto dos Cegos da Bahia <sup>7</sup>
1942	Uberaba -MG	Instituto de Cegos do Brasil Central de Uberaba <sup>8</sup>
1946	São Paulo - SP	Fundação para o Livro do Cego no Brasil <sup>9</sup>
1947	São Paulo - SP	Biblioteca Louis Braille <sup>10</sup>
1978	São Paulo - SP	ADEVA - Associação de Deficientes Visuais e Amigos <sup>11</sup>

Fonte: próprio das autoras

Este quadro não é revelador de todas as instituições que foram sendo fundadas nas mais diferentes cidades do Brasil ao longo dos anos. No entanto, ele expressa um movimento crescente de instituições voltadas para o ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência visual. Cada qual possui uma história e personalidades que fizeram a diferença e que se engajaram nesses projetos, tornando-os realidade.

Todas as instituições acima citadas fizeram e, grande parte delas, continuam fazendo um trabalho de grande relevância para a sociedade. Para essa pesquisa, optamos por ressaltar o trabalho do Instituto Benjamin Constant (antigo Imperial Instituto dos Meninos Cegos) e a Fundação Dorina Nowill.

## **Instituto Benjamin Constant: uma história de dedicação ao ensino e aprendizagem de deficientes visuais**

O Instituto Benjamin Constant (IBC) é uma referência em estudo e formação docente para os atendimentos de pessoas com deficiência visual, é uma instituição pioneira. Cabe lembrar que, historicamente, a deficiência visual passou a ser atendida no Brasil em 1854 pelo Imperial Instituto dos Meninos Cegos que, a partir do ano de 1891, passou a ser denominado Instituto Benjamin Constant (IBC). A instituição ainda permanece em plena atividade, o atendimento é realizado continuamente, abordando práticas de ensino e adaptações voltadas para o acompanhamento de pessoas visualmente comprometidas parcial ou severamente (INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT, 2020, on-line).

<sup>3</sup> O quadro foi elaborado pelas autora tendo por base pesquisas na internet e as referências de Mazzota (2011), Leão Júnior e Gatti (2016), Abreu et al (2008), Garcia (1998) entre outros.

<sup>4</sup> <http://padrechico.org.br/instituto-de-cegos-padre-chico/>

<sup>5</sup> <https://www.novoipc.org.br/institucional/historia>

<sup>6</sup> <https://isl-rs.com.br/nossa-historia/>

<sup>7</sup> <http://www.institutodecegosdabahia.org.br/institucional/historia/>

<sup>8</sup> <http://sixweb.com.br/icbc/node/32>

<sup>9</sup> <https://www.fundacaodorina.org.br/>

<sup>10</sup> [http://www.centrocultural.sp.gov.br/livreacesso/biblioteca\\_braille.html](http://www.centrocultural.sp.gov.br/livreacesso/biblioteca_braille.html)

<sup>11</sup> <https://www.adeva.org.br/quemsomos/historico.php>

Além disso, o instituto realiza um trabalho que orienta e oferece suporte às instituições, se compromete com a pesquisa acadêmica e a extensão na área da Educação Especial, contribuindo com a disponibilização de materiais para pesquisa e confecção de livros e revistas em Braille.

Conjuntamente, contribui para a área oftalmológica:

Ao longo dos anos, o IBC tornou-se também um centro de pesquisas médicas no campo da Oftalmologia, possuindo um dos programas de residência médica mais respeitados do País. Através desse programa, presta serviços de atendimento médico à população, realizando consultas, exames e cirurgias oftalmológicas. (INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT, 2020, on-line)

Vale destacar que o IBC possui um Departamento de Estudos e Pesquisas Médicas e Reabilitação (DMR) que promove o atendimento oftalmológico, atuando de forma preventiva como também realizando diagnósticos e organizando programas de reabilitação para pessoas com problemas que afetam de forma significativa a visão. Um estudo realizado por Costa Filho e Berezovsky (2005) revela que o IBC oferece um atendimento amplo que concilia parte médica e pedagógica, auxilia na capacitação profissional de médicos e contribui significativamente para a inclusão dos deficientes visuais na sociedade. É inegável a contribuição e a importância do trabalho que o IBC vem desenvolvendo ao longo da sua história. Assim como ele outras instituições merecem destaque.

## Fundação Dorina Nowill e os materiais especializados

Em 1946, dá-se início a uma outra iniciativa importante que foram as primeiras atividades da Fundação para o Livro do Cego no Brasil. Tal feito, foi idealizado por Dorina de Gouvêa Nowill e um conjunto de amigas, o objetivo inicial era o de produzir livros em Braille como também contribuir para a inclusão de pessoas com problemas visuais, que envolviam a baixa visão e a cegueira (ABREU *et al.*, 2008).

Dorina ficou cega aos dezessete anos e, nessa época, as pessoas com problemas visuais mais severos ou limitantes tinham a sua vida restrita ao ambiente familiar e pouquíssimo acesso a vida fora desse contexto. Ela foi uma grande ativista em busca de oportunizar maior autonomia, independência e na busca de garantia de direitos à educação para as pessoas com deficiência visual (FUNDAÇÃO DORINA NOWIL, 2018)

No período de 1961 a 1973, Dorina dirigiu o primeiro órgão nacional voltado a promover a educação e a reabilitação de pessoas com deficiência, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC). Em sua gestão, foram criados serviços de educação de cegos em todo o Brasil, e realizados diversos eventos e campanhas para a prevenção da cegueira. (FUNDAÇÃO DORINA NOWIL, 2018, p. 8)

Essa, entre as muitas outras ações, foram a marca deixada por Dorina em sua trajetória, que contribuiu de forma muito expressiva para o acesso do deficiente visual na sociedade. A sua iniciativa idealizada em 1946, hoje é denominada de Fundação Dorina Nowill para Cegos. A instituição, que além da produção de livros em Braille, possui um acervo da Biblioteca Circulante do Livro Falado, a Dorinoteca com mais de 4.000 títulos, um Centro de Memória aberto a comunidade, oferta cursos de formação profissional tanto para professores quanto para indivíduos com deficiência visual capacitando-os para o mercado de trabalho, possui vários projetos e serviços de apoio a inclusão (FUNDAÇÃO DORINA NOWIL, 2018).

Defender a inclusão de indivíduos com deficiência visual em uma sociedade em que eles eram considerados, de certa forma, “invisíveis” ou pouco capazes, não foi um feito fácil e exigiu de pessoas, como Dorina e muitas outras, um trabalho comprometido, obstinado, persistente e desafiador. Os acontecimentos até então relatados referem-se a personalidades e instituições que possuem grande destaque no Brasil e internacionalmente. No entanto, outras iniciativas que são mais locais e que estão presentes em diferentes municípios brasileiros são de grande relevância para esse processo de inclusão do deficiente visual. Não é possível listar todas neste espaço, pois são muitas. No entanto, iremos relatar um pouco sobre Carlos Roberto Miranda e o instituto que leva seu nome.

## O Instituto Roberto Miranda: uma história de amor ao próximo e filantropia

Com o passar dos anos, em muitas cidades brasileiras, foram sendo criados institutos voltados para a educação de pessoas com deficiência visual. Em Londrina, em 1965, foi fundada uma instituição filantrópica voltada para esse objetivo. Inicialmente, recebeu o nome de Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos, fundada por um grupo católico. Apesar da iniciativa ser de grande valia para a sociedade, o instituto permaneceu sem muitas ações durante um bom tempo (INSTITUTO ROBERTO MIRANDA, s/d).

Foi em 1977 que, Carlos Roberto Miranda, assume a liderança da instituição, e esta passa por processo de reorganização. Ao se envolver nessa nova realidade, é despertado em Carlos Roberto um sentimento muito grande de envolvimento e altruísmo, pelos quais empenhou 35 anos de sua vida em prol desse projeto. Em homenagem a esse homem que se dedicou com tanto empenho ao ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência visual foi que esse espaço passou a ser denominado de Instituto Roberto Miranda (INSTITUTO ROBERTO MIRANDA, s/d).

De acordo com informações coletadas no Instituto Roberto Miranda em 2019, por meio de uma visita, a escola conta com aproximadamente 180 estudantes de diferentes idades, possui uma infraestrutura bem montada e equipe de profissionais preparada para realizar o atendimento e acompanhamento de alunos comprometidos nos seguintes aspectos:

- Reabilitação da pessoa com deficiência visual e outras deficiências associadas;
- Dificuldade de mobilidade (atrofia) e/ou locomoção (transporte);
- Problemas psicológicos relacionados a condição física, sociocultural/econômica (auto-estima);
- Problemas oriundos do seu nascimento (audição, fala, cognição);
- Oferta apoio escolar, tais como: estimulação precoce, Educação de Jovens e Adultos (EJA), informática especializada, artes, música, projetos de Dança, judô e atletismo.

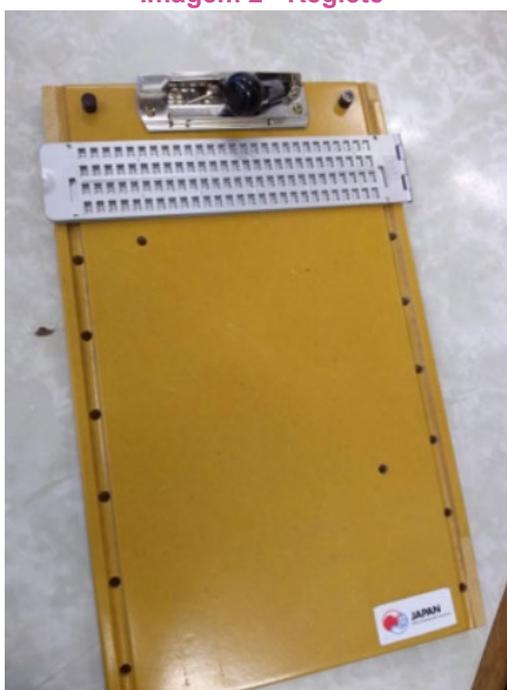
Muitos dos alunos que frequentam o instituto também estão matriculados em escolas regulares da Educação Básica. O trabalho dessas instituições especializadas torna-se extremamente importante no sentido de estabelecer parcerias e diálogos entre as escolas para viabilizar uma ação mais efetiva. Além do atendimento especializado na própria instituição, também fazem um trabalho itinerante visitando e auxiliando as escolas que recebem alunos nessa condição. Em acréscimo a isso, auxiliam as famílias dessas pessoas.

Quando se fala em inclusão de pessoas com deficiência visual é preciso ter em mente que é um trabalho multidimensional e multidisciplinar que envolve a ação de vários profissionais e vários espaços nos quais o deficiente visual frequenta, como exemplo: casa, escola e local de trabalho. É uma assessoria e um atendimento prestado tanto para a criança, desde a mais tenra idade, como para o adulto.

Nesses espaços encontramos a presença daquilo que foi construído historicamente de forma pioneira e que hoje faz parte do cotidiano dessas instituições especializadas, tais como o ensino e aprendizagem do alfabeto em Braille, máquina de escrever em Braille, a punção e o reglete, os livros e os materiais produzidos pela Fundação Dorina Nowill entre outros.

Apesar das inúmeras tecnologias assistivas que permitem a leitura de documentos, de livros e de outros materiais escritos, o aprendizado do sistema Braille de leitura e escrita ainda é fundamental para dar autonomia e independência ao deficiente visual. As regletes também foram inventadas por Louis Braille e é um material ainda muito utilizado e que permite a pessoa com deficiência visual escrever os símbolos em Braille. O material pode ser confeccionado em metal ou plástico, podendo ter tamanhos diferenciados, entre as duas placas que o compõem é fixado um papel. Com o instrumento de punção, o deficiente visual vai fazendo nos pequenos retângulos vazados (ABREU *et al*, 2008). A imagem abaixo não é a reglete original criada por Braille, mas uma de suas diferentes versões.

Imagem 2 - Reglete



Fonte: acervo próprio das autoras (2019)

Um outro instrumento muito importante é a máquina de escrita em Braille, constituindo como uma outra possibilidade de fazer esses registros. As máquinas possuem seis teclas que permitem a criação dos símbolos, similar a antiga máquina de escrever. Ao toque das teclas vai se produzindo os símbolos em relevo. Existem várias versões de máquinas de escrever em Braille, mas a primeira delas foi criada em 1892. (ABREU *et al*, 2008)

Imagem 3 - Máquina de escrita em Braille



Fonte: acervo próprio das autoras (2019)

Esses e muitos outros materiais tornam a vida das pessoas com deficiência visual mais inclusiva. Além de todo o recurso material utilizado, as necessidades do deficiente visual vão além disso, pois envolve um trabalho de vários profissionais que buscam tornar essa pessoa apta a percorrer novos espaços e a ter diferentes vivências para promover o desenvolvimento da autonomia e da autoestima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo bibliográfico, que teve como objetivo historicizar e contextualizar alguns dos aspectos relacionados ao ensino e a aprendizagem de deficientes visuais, não pretendeu ser exaustivo de forma a contemplar todas as personalidades e instituições que contribuíram e ainda contribuem para tornar a vida dos deficientes visuais mais inclusiva e mais plena. Tal feito, envolveria as inúmeras instituições locais e o trabalho de muitas pessoas nas mais diferentes funções e especialidades. Ao estudar a histórica, que envolve as bases do que hoje está consolidado como direito, é de extrema importância tanto para que esse movimento em prol da inclusão do deficiente visual continue a agregar melhores condições de acesso e de permanência na escola como também a garantir melhorias na qualidade de ensino e de aprendizagem.

Ao longo da história da humanidade temos registros de que os deficientes visuais foram marginalizados e excluídos da sociedade. O trabalho árduo de quem fundou as primeiras instituições, metodologias e materiais voltados para o ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência visual, é um marco extremamente importante, que desencadeou, paulatinamente, uma mudança cultural que possibilitou a integração desses sujeitos na sociedade e a garantia de seus direitos. Mas esse movimento não se encerrou em algum momento da história, ao contrário, ele continua de forma muitas vezes anônima, no trabalho de inúmeros profissionais e nas diversas instituições espalhadas pelo Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Elza Maria de Araujo Carvalho; *et al.* Braille!? O que é isso?. 1.ed. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, Série Dorina Nowill. 2008.
- COSTA FILHO, Helder Alves da; BEREZOVSKY, Adriana. Análise crítica do desempenho evolutivo da visão subnormal no Instituto Benjamin Constant. Arq. Bras. Oftalmol, 68 (6), dez 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abo/a/vDcWMSBRGzdVF8jHw9jDt6Q/?lang=pt>. Acesso em: 20 dezembro 2021.
- COSTA, Ailton Barcelos da; PICCHARILLO, Alessandra Daniele Messali ; PAULINO, Vanessa Cristina. O processo histórico de inserção social da pessoa cega: da Antiguidade à Idade Média. Revista Educação Especial, v. 31, n. 62, p. 539-550, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24092> Acesso em: 24 fev. 2021.
- FUNDAÇÃO DORINA NOWILL. Relatório Anual 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/DEIA/Documents/DISCIP%20DE%20GEOGRAFIA/TCC/Relatorio\\_Completo\\_2018%20Dorina%20Nowill.pdf](file:///C:/Users/DEIA/Documents/DISCIP%20DE%20GEOGRAFIA/TCC/Relatorio_Completo_2018%20Dorina%20Nowill.pdf). Acesso em: 20 dez. 2021.
- GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. A educação de indivíduos que apresentam seqüelas motoras: uma questão histórica. Caderno CEDES, Campinas, v. 19, n. 46, setembro, 1998. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acessado em: 12 de fevereiro de 2021.
- GASPARETTO, Maria Elisabete Rodrigues Freire. História e retrospectiva da deficiência visual. Boletim da FCM - Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, v. 10, n. 4, p. 16 - 17, 2015. Disponível em: [https://issuu.com/imprensafercm/docs/boletim\\_fcm\\_2015\\_v10\\_n4](https://issuu.com/imprensafercm/docs/boletim_fcm_2015_v10_n4). Acesso em: 27 abr. 2020.
- INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. IBC. 2020. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/o-ibc>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Louis Braille, o inventor. 2018. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/fique-por-dentro/676-louis-braille-o-inventor>. Acesso em: 18 de jan. 2020
- INSTITUTO ROBERTO MIRANDA. História do Instituto Roberto Miranda. s/d. Disponível em: <https://institutorobertomiranda.org.br/index.php/historia-do-instituto-roberto-miranda/>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- INSTITUTO ROBERTO MIRANDA. Londrina, s/d. Disponível em :<http://institutorobertomiranda.org.br/>. Acesso em: 16 fev. 2020
- LEAL, Daniela. Compensação e cegueira: um estudo historiográfico. 2013. 264p. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, PUC-SP, São Paulo, 2013.
- LEÃO JÚNIOR, Wandelcy; GATTI, Giseli Cristina do Vale. História de uma instituição educacional para o deficiente visual: o Instituto do Brasil Central de Uberaba (Minas Gerais, Brasil, 1942-1959). História da Educação (on-line), Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 389-409, Set./dez, 2016.
- LEÃO, Gabriel Bertozzi de Oliveira e Sousa; SOFIATO, Cássia Geciauskas. A educação de cegos no Brasil do século XIX: revisitando a história. Revista Brasileira de Educação Especial, Bauru, v.25, n. 2, p. 283-300, Abr./jun. 2019.

NOGUERA, JJ. Valentin Hauy. Espanha: Arch Soc Esp Oftalmol, 2005. Disponível em: [http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0365-912005001200014&lang=pt](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-912005001200014&lang=pt). Acesso em: 16 jun. 2020

ROCHA, Hilton. Imprensa Braille. Arquivos Brasileiros de Oftalmologia, São Paulo, v. 55, n. 4, p. 150 – 159, 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/abo/v55n4/0004-2749-abo-55-04-0150.pdf> . Acesso em: 18 fev. 2020.